

---

## APRESENTAÇÃO

Desde uma perspectiva materialista poderíamos asseverar que a História se faz na confluência de inúmeras práticas: práticas econômicas, sociais, políticas, discursivas, entre outras. Se a história em questão é a das idéias lingüísticas, do mesmo modo esta deve ser entendida como a história de uma dada prática – uma prática teórica na definição de Althusser – que, como tal, encontra-se imbricada com um conjunto de inúmeras outras.

Para os analistas do discurso, não há nada de novo em se afirmar o entremeio de sua disciplina. A imbricação do discursivo com outras formas de materialidade - cada uma dotada de sua materialidade própria, é verdade - não só determina a especificidade da interpretação como implica uma recusa de proceder por abstração positivista. Interpretar um dado discurso significa compreender seu funcionamento em relação a – em relação a outras expressões de materialidade, visto que os efeitos de sentido de um determinado discurso se dão inelutavelmente na História. Dito de outro modo, os efeitos de sentido são historicamente determinados. Talvez, de uma perspectiva mais afinada com a centenária tradição de pensamento marxista, poderíamos dizer que o concreto de seu sentido, tomado como o óbvio e evidente, decorre da síntese de múltiplas determinações materiais.

É justamente com a proposta de trazer à prática intelectual as múltiplas determinações materiais no funcionamento do discurso que a professora Ana Zandwais desenvolve, em seu trabalho de pesquisadora/docente da UFRGS, uma ampla reflexão teórica acerca dos fundamentos materialistas da Análise do Discurso (AD). Temáticas como a teoria da prática científica do materialismo histórico (o materialismo dialético propriamente dito) e, mais especificamente, as imbricações entre as formações discursivas, formações ideológicas, práticas políticas e econômicas são pensadas por Zandwais à luz das categorias conceituais da dialética materialista.

Desde esse ponto de vista não há como abstrair as determinações históricas de ordem socioeconômica ao se tratar das regularidades específicas da materialidade discursiva. Nem como subtrair-se, no trabalho de descrição e interpretação de dados

---

corpora discursivos, à imbricação entre discurso e ideologia. A professora Zandwais enfatiza essas imbricações e suas relações contraditórias (dialéticas) de modo a evitar qualquer inclinação positivista de se absolutizar a autonomia da prática discursiva.

Furtar-se às delimitações positivistas de objetos estanques promovidos pelas disciplinarizações acadêmicas e, ao mesmo tempo, afirmar a especificidade da materialidade discursiva e lingüística: esta parece ser a difícil posição da Análise do Discurso nas condições de produção de conhecimento na atualidade brasileira.

É sempre levando em conta as contradições em que a produção acadêmica se vê imersa que Zandwais propõe remontar à história do conceito de ideologia para além da recente história da Análise de Discurso. Se há uma tendência à excessiva autonomização da materialidade discursiva, enquanto objeto de estudo da AD, então o convite ao estudo histórico do conceito de ideologia pode nos lembrar que sua teorização inscreve-se na tradição de um pensamento centenário. Como enfatiza Zandwais, Pêcheux não inventou o conceito de ideologia; há toda uma gama de pensadores e pesquisadores, sobretudo marxistas, que o problematizaram antes dele.

Por outro lado, o trabalho da professora Zandwais não se limita a retomar a história da teoria do materialismo histórico e do materialismo dialético para trazê-la ao campo de reflexão dos estudos discursivos. Esta pesquisadora, filha de imigrante bolchevique, também expande os horizontes teóricos em sua dimensão geográfica: Zandwais tem se dedicado à tradução e ao estudo de obras de lingüistas russos, entre outros. Este debruçar-se sobre a teoria de autores de língua russa - tanto os maiores expoentes soviéticos do século passado, como de autores contemporâneos que dão continuidade ao trabalho dos primeiros - é salutar e contribui para enriquecer a produção científica no campo dos estudos brasileiros da linguagem.

A entrevista que publicamos aqui visa contribuir modestamente para tornar um pouco mais conhecido o trabalho e a vida da professora Ana Zandwais. Tendo em conta a imbricação inelutável entre as práticas teóricas, práticas languageiras e o concreto da vida no cotidiano acadêmico, nosso objetivo foi o de trazer à baila algumas reflexões sobre a história social das idéias lingüísticas no sul do Brasil. Acreditamos que tanto o trabalho como

---

a história de vida da professora Ana Zandwais foram extremamente propícios a nossa proposta.

Nem sempre o trajeto acadêmico de um pesquisador se dá de modo linear. No caso de lingüistas brasileiros formados na segunda metade do século XX, as condições de produção determinaram percursos marcados por reviravoltas e mudanças de rumo, de problemáticas e de métodos. A Lingüística é uma ciência recente no Brasil e as variadas correntes teóricas, trazidas da Europa e dos Estados Unidos desenvolveram-se aqui em épocas distintas e em instituições diferentes.

Por outro lado, as perspectivas teóricas que se consolidaram de modo a não depender de nenhum vínculo *colonizador-colonizado* justamente se forjaram na reviravolta de trajetórias e carreiras de acadêmicos brasileiros. Nesse caso, muito mais importante que a tradição formal acadêmica, o que parece afetar mais fortemente o sujeito do conhecimento é o pensamento vivo diante das problemáticas próprias ao languageiro nas condições de produção da contemporaneidade.

Há, na trajetória acadêmica de Ana Zandwais, duas paixões confessas que afetaram seu destino teórico: a paixão pelas línguas e a paixão pela história da causa operária. Ambas são legados de sua história familiar em certa medida, mas também remetem à História em um sentido mais amplo: a história dos imigrantes no Brasil antes, durante e depois do Estado Novo. Imigrantes sujeitos às (in)determinações de seu tempo: sujeitos políglotas sob a égide de políticas lingüísticas de proibição do falar em determinadas línguas estrangeiras, de um lado, e a afirmação da identidade nacional por meio da língua do Estado, de outro. Sujeitos políticos comunistas e anarquistas em franca resistência a regimes capitalistas e autoritários.

Diante de um aparelho de Estado ocupado em forjar uma identidade nacional e em extirpar “quistos étnicos”, autoritária e conservadoramente, não é surpresa que intelectuais, mesmo acadêmicos, tenham se feito autodidatas e seguido percursos um tanto erráticos (sob o ponto de vista formal). No caso de Zandwais, o autodidatismo também parece marcar o desejo de trazer para o mundo acadêmico histórias, lutas, acontecimentos que não eram suficientemente estudados na área das Letras até então. Somado ao seu caráter político libertário, fazer-se autodidata era um modo de trazer problemáticas políticas concretas aos estudos demasiado formalistas da Lingüística da época, movimento esse que não difere

---

muito daquele feito por Pêcheux quando do início das elaborações da teoria materialista do discurso. Não é para menos que, no percurso de Zandwais, a vontade de investigar a história ou, melhor dito, a memória da causa operária brasileira aproximou-a das teorizações e dos trabalhos de analistas do discurso.

Em *Análise do Discurso*, a vinculação teórica entre a base lingüística e as práticas políticas constituiu-se por meio do *Cavalo de Tróia* que Pêcheux diz ter presenteado os estudos semânticos. Foram questões e impasses da ordem da produção do conhecimento que levaram à elaboração de uma teoria materialista do discurso. As questões de ordem política vieram como condição *sem a qual não* se estaria à altura de estudar processos de reprodução-transformação no campo discursivo. Eis a artimanha: a luta político-econômica vem embutida no conceito de ideologia como direcionamento semântico. E os estudos semânticos não podem mais deixar a História de fora na compreensão das reproduções e transformações do sentido.

A aproximação da professora Zandwais com a *Análise do Discurso* se dá por questões extra-acadêmicas em princípio. No entanto, devido às investigações de Pêcheux e dos analistas do discurso que deram continuidade ao seu trabalho, essas mesmas questões já se faziam, em grande medida, presentes na cidadela universitária brasileira. Zandwais acabou por se aproximar de uma linha teórica que ia ao encontro de sua trajetória.

O passo seguinte, ainda em curso, de um intelectual orgânico, é fazer avançar as práticas teóricas e políticas estabelecendo novos vínculos entre o universo acadêmico e seu exterior. Esta é a importante trajetória da professora Ana Zandwais.

Maurício Beck  
UFSM/PPGL - Laboratório Corpus  
Dezembro de 2008.